



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX — N.º 479 — Preço 1\$00
21 DE JULHO DE 1962

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Pai Américo

HÁ cinco dias foi o aniversário do nascimento para o Céu. Mais sete e ocorrerá o aniversário do nascimento para o Sacerdócio, que foi nas suas mãos o Instrumento divino da escalada do Céu. Da sua escalada — e Deus sabe da de quantos... Esta é mesmo a sua coroa de glória: Não ter tomado apenas para si os méritos infinitos de Cristo, mas tê-los comunicado às aimas de boa vontade que encontrou no seu caminho.

Ainda hoje nos apareceu uma alma atormentada. Conta, por entre lágrimas: «Perdi a Fé, meu Padre, e o Pai Américo disse-me, uma vez, que a Fé nunca se perde. E eu perdi-a. Nas horas de maior aflicção, quando as traições dos homens ferem mais fundo, eu pego num livro de Pai Américo e encontro a Paz».

Não é verdade, pois, que tenha perdido a Fé. Nos livros de Pai Américo quem esta alma encontra é Cristo — por isso, «reencontro a Paz».

«Há anos que não sou capaz de rezar. Quando o quero fazer, choro... e mais nada». Ah, se esta alma soubesse quanto as lágrimas podem equivaler a oração...!

«Eu peço ao Pai Américo que me alcance de novo a Fé».

Quem assim A deseja, já A possui... Mas Pai Américo é mediano. Aquela alma assim o crê e quer. Ele é luz que lhe dá esperança e conforto; que a ajuda a conservar-se, sem que ela o saiba e sinta, naquela virtude que «nunca se perde: a Fé».

Isto aconteceu hoje. Seria por acaso?... Cada dia traz-nos tantos casos..., tantas notícias de dor... Eu, porém, encontrei neste desabafo o sabor de um a-propósito caído do Céu. Um facto real (o de hoje..., entre tantos de quase todos os dias!) a dizer da vivência de Pai Américo entre os homens de boa vontade, daquela vivência que a morte não destrói: antes revigora, quando a vida mortal foi consagrada ao amor de Deus nos homens, realizada no amor aos homens em Deus.

Os aniversários que ocorrem em 28 e em 16 de Julho, têm assim uma relação íntima. Para o Pai

cont. na página DOIS



Auto- Construção

Sem se ser exigente, não se poderá ser educador. O homem, primeiramente o jovem, tende para o menor esforço e para o desleixo. Estas tendências, se não forem contrariadas, levarão bem depressa a atitudes criminosas. Há pouco tempo ainda, liamos na imprensa diária: «A delinquência juvenil transformou-se em problema de ordem internacional, pelo que constitui um dos principais assuntos do 29.º Congresso Anual da Interpol. O Congresso inclui na agenda o estudo de uma proposta para que se realize uma reunião internacional sobre a extradição de criminosos e a gravidade do tráfico ilícito de narcóticos. Todavia, o caso de delinquência juvenil foi trazido a lume com certa importância, pois que, disseram os delegados, o seu aumento é alarmante. Ducien Anhe, funcionário da sede da Interpol em Paris, declarou aos jornalistas, numa breve conferência, à porta fechada, que os delegados são unânimes em considerar que a grande parte do aumento da delinquência juvenil é atribuído ao abrandamento na educação dos jovens. Chegou-se a acordo, disse, de que uma educação austera é a principal solução para este problema».

Este actualíssimo assunto

também diz respeito a Portugal. Sempre que a imprensa tem focado o aspecto grave da delinquência juvenil aparecem infalivelmente uns tantos a dizer que não, que não é com Portugal, país de costumes brandos e de gente boa e ordeira. Até dizem — temo-lo ouvido dezenas e dezenas de vezes — que aqui não é possível o comunismo, devido ao carácter da nossa gente. Tal mentalidade, que teima em fechar os olhos para não ver o que se passa à sua beira, é perigosa ao máximo. Os nossos jovens são capazes de actos heróicos e de actos criminosos como todos os outros. Ninguém duvide. Na obra da educação — todos estão de acordo — é indispensável a austeridade. Essa austeridade será racional, será justa, será oportuna, será inteligente, mas não poderá deixar de existir. Auto-Construção quer ser um movimento austero, temo-lo dito desde a primeira hora. Exigir para dar é um lema também nosso. Exigir trabalho, exigir economia, exigir bom emprego do tempo, exigir pontualidade, exigir pagamentos a horas, exigir o cumprimento das resoluções tomadas. E é curioso que são eles os rapazes, os que exigem estas exigências. São eles.

Padre Fonseca

ÁFRICA

PENSEI que esta crónica já seria escrita em Luanda. Estamos, porém, na véspera da partida. Padre Horácio, certamente, gastará o seu dia de hoje como eu: arrumando aquelas coisas que estão sempre por arrumar até à última hora, apesar de há duas semanas contarmos com ela a todo o momento.

Não estamos habituados a faltar às nossas Casas. Uma semana é raro e é muito. Um mês, e tão longe, apertada um nadinha o nosso coração, no doce-amargo de termos de deixar estes para irmos ao encontro daqueles que, em tarefas civis e militares, ajudam a conservar nossa aquela terra.

A intenção que lá nos leva é a dilatação do Reino que nenhum império deste mundo logrou vencer nestes mil novecentos e tantos anos de luta a contar da Sua fundação, que coincide com a primeira derrota aparente: a Crucifixão e Morte do Fundador. A vida dos reinos deste mundo depende, e só, do seu

continua na segunda página

África



VISTAS DE DENTRO

continuação da primeira página

ajustamento com o Reino. Quando as suas constituições decalcarem a Revelação que Cristo nos legou; e as suas letras não forem «letra morta» — os reinos permanecerão, à semelhança e por graça do Reino, único que tem promessa de vida eterna.

Viverá aquele reino cujos cidadãos forem capazes de se dar, em toda a sua medida, ao esforço deste ajustamento. Colaborar nele é o nosso desejo.

Vamos, pois, em missão de Paz. Tanto quanto nos for possível servir o Reino e ajudar outros a servi-LO — é a medida em que, no nosso posto de rectaguarda, directamente ao serviço da Verdade, estaremos a servir também Portugal.

A última vez que esta rubrica saiu, publiquei uma carta de um nosso, hoje em Benguela. Respndi-lhe. Ele voltou a escrever-me:

«Eu também um dia desejei ser alguém, ser bom e útil em alguma coisa, mas foram vedados os meus desejos. Agora pergunto à minha consciência o que de bom fiz durante os meus 30 anos de vida e chego à conclusão que nada de útil fiz. Por culpa minha? Não sei! Por culpa daqueles que conviveram comigo? Também não sei! Por isso vivo sem a felicidade nunca sentida no meu coração. Posso ter dinheiro, todos os prazeres da vida, mas creio jamais ser feliz e ter saudades de abandonar este mundo. Para cúmulo, ainda tenho uma consciência sensível que volta e meia me censura por isto e por aquilo, enfim uma consciência que acordou tarde em aconselhar os meus actos...

Sim, Snr. Padre, se lhe fosse possível ver o meu coração, veria que tudo isto é o meu sentir e a minha compreensão pela vida. Não, não basta ter nascido e viver sem pecar e cumprir os nossos deveres para com os que lidam connosco. É preciso por nossa iniciativa criar qualquer coisa útil para bem de todos! É isso o que não fiz e por isso mesmo me sinto vazio, oco perante a minha consciência. É assim que às vezes penso e medito na vida que Deus me deu. Falo assim para si porque sei que compreenderá a simplicidade do meu ser. Acredite Snr. Padre Carlos que não sou feliz pois faço uma vida quase sem prazer; apenas cumprio o meu dever de resto o meu sentir pela vida que me rodeia vivo-a interiormente em melancolia. Não sei a que deva este fenómeno mas é assim. Sei que tenho cheio o meu coração de carinho, de bondade, de ternura, pois de tudo que me rodeia eu o sinto na alma! Aceite um pouco de tudo que existe nesta alma melancólica, pois é com toda a sinceridade que lhe ofereço».

«Não, não basta ter nascido e viver sem pecar e cumprir os nossos deveres para com os que lidam connosco. É preciso por nossa iniciativa criar qualquer coisa útil para bem de todos!

Ideal — pérola preciosa que ele guarda em seu coração.

Quem dera que aquela Angola, prenhe de um potencial enorme e quase virgem, tivesse a desbravá-la muitas almas iluminadas por Ideal! Que ao menos, o comum dos que a povoam, procurasse «viver sem pecar e cumprir os deveres» para com o próximo! Que todos acreditassem que ninguém se serve melhor do que aquele que dá o seu coração e a sua «iniciativa» a «criar qualquer coisa útil para bem de todos!» Quem dera...!

Deus dê aos nossos rapazes a graça de Ideal. Que eles aprendam deste seu irmão mais velho, de vida tão vária e irregular no passado!

A ele, contamos nós levar uma resposta àquele anseio que o enche da sensação de vazio, por ter sido estéril até hoje o conhecimento que ele próprio confessa: «Sei que tenho cheio o meu coração de carinho, de bondade, de ternura, pois de tudo que me rodeia eu o sinto na alma».

PAI AMÉRICO

Continuação da pág. UM

Américo, em razão da sua vocação, é no sacerdócio que reside a explicação da «Vida que vence a morte». Sem ele, o Américo, fiel e bondoso como sempre foi, ter-se-ia

salvo... Com ele, por ele, Pai Américo foi instrumento de salvação para muitos. E por isso a sua benção é semelhante à dos velhos Patriarcas: Foi constituído Pai — o Pai Américo — de uma multidão de filhos, que só no Céu saberemos contar; e a sua memória permanecerá bendita através das gerações.



TEM feito muito calor. Depois do almoço, quando é possível, deito-me um bocadito naquele quarto que é chamado «meu», ao lado do de Pai Américo, posto que raramente eu lá pare mais do que estes pequenos descansos vespertinos.

É uma hora cheia para os meus ouvidos. Nem que quisesse adormecer era difícil, com aquela faina da lavagem de panelões e serviço da copa que se passa a transbordar para o pátio sobre que dá a janela do dito quarto.

Uns cantam, outros zangam-se, outros discutem o trabalho, às vezes há quem chore — uma algazarra. Perto da hora e meia a faina vai terminando e os obreiros diminuindo. O silêncio começava a ser, quando a sineta o quebra no anúncio do fim do recreio.

Ontem, já nesta fase pré-silenciosa, eu ouvia uma voz muito sonora, muito bem timbrada, cantando canções em voga e intermédios que me pareciam improvisados. Não resisti. Fui à janela espreitar. O cantor regressava à cozinha e eu soltei-lhe um galanteio: «Que linda voz!» O «Mineiro» abriu seu rosto num sorriso muito peculiar, seus dentes muito grandes, escancarados, e disse: «Estava a ouvir-me?...» Soltou uma gargalhada e desandou.

OUTRA vez foi pela janela do escritório. Do redondo em frente, cortado em cruz por dois bardos de vides, povoado por pessegueiros e agora também por batatas, chegava-me a voz de um «batata» gritando, como para ser ouvido por quem quer que fosse capaz de dar remédio ao seu clamor: «Está na hora de tocar pró tacho!» E repetia e repetia em tom cada vez mais alto, quase esganado.

Eu devo aqui dizer, por amor à verdade, que nunca ouvi ninguém gritar que eram horas de tocar pró trabalho. Para levantar, para terminar um recreio — é preciso que a sineta toque e não há pressas que ela toque. Mas à hora de despegar, sobretudo se o despegar coincide com a «hora do tacho», o zelo sobe à cabeça de toda a gente e tudo protesta se o sineiro falta à exacta cronometria.

Como vêm a «lei de funil» tem adeptos em toda a parte e de todas as idades. Até o «batata», entre as batatas do «redondo» ao cair do meio-dia!

DIZEM que o «Pirilampo» tem 17 anos. Eu cá não acredito, posto tenha verificado diferentemente parecer no procedimento do Senhor Padre Manuel António. É que «Pirilampo» andava há muito a requerer calças compridas. Eu ia adiando para o tempo frio. Mas Senhor Padre Manuel, em pleno Maio «caiu», e as pernas dos calções caíram até abaixo.

Mas «Pirilampo» é muito infantil e espontâneo. Aqui há tempo eu trouxe do Porto uma caldeirinha em cobre para a cola dos encadernadores. Ele é um deles. Manhã seguinte à minha compra, ele entra pelo escritório sem licença nem nada; pega-me por um braço e diz-me um decidido: «benha cá». Eu fui. Cá fora, na varanda do redondo, a caldeirinha de cobre tapada com rede e dentro uma ninhada de ratos. Ora vejam, os Senhores, as coisas importantes em que a gente se gasta na Casa do Gaiato!

UMA turma dos mais velhos não chegaram a ir à praia no tempo consagrado. O verão de S. Martinho prometia... Fomos aproveitá-lo. Eu também fui.

Na noite do regresso, descia do hospital, onde um dos nossos curava doença ligeira. Comigo, desceu um dos companheiros daquelas pequenas férias. Chegado ao pátio da entrada, diz-me, tímido, discreto: «Eu queria agradecer-lhe estes dias que me proporcionou». E seguiu seu rumo.

Eu segui o meu, direito à Capela, a ajoelhar aos pés do Senhor aquela doce surpresa que não me pertencia e pedir-lhe perdão pelas minhas ingratidões.

OUTRA noite, por ali perto, encontrei-o — «De onde vens?» — «Apeteceu-me imenso um cigarro e fui fumá-lo» — respondeu-me sem uma hesitação.

É tão vulgar a mentira... Estamos tão afeitos à manha que busca e enreda e complica para enganar! Que há mais simples do que a verdade? O quê mais consolador? Que outra fonte mais pacificante para quem diz e para quem escuta?

Era tão bom, se a verdade fosse moeda corrente nas relações dos homens!

Senhor, por graça da verdade que ele me deu, naquela hora tão feliz, podes permitir-lhe, de vez em quando, «o apetite imenso de um cigarro», mas não o deixes cair no vício de fumar.

Cristiano casou. Aí vai ele mais a Maria da Luz, a «Joia» que Deus lhe deu e Deus lhe dá merecer pela vida em fora.

O Cristiano nunca foi mau rapaz. Mas, a princípio, também não foi tão bom quanto podia ser. Uma criança, depois de várias outras e a sua pouca reacção, resolveu-me a mandá-lo viver sobre si mesmo durante um tempo.

Ele foi, e o efeito que eu pretendia, deu-se, graças a Deus. A vida acorda e faz abrir os olhos àqueles que nunca defrontaram os problemas fundamentais que ela levanta.

O Cristiano foi muito feliz, porque acordou ao choque sofrido,

verdade seja sem a contrapartida dos vários perigos que poderiam surgir. O grande amortecedor deste choque foi a sua Pobre de quando vicentino, a Senhora Adorinda, adorável velhinha que mora na Sé. Ela aconselhou, pediu, rezou... e Deus não foi surdo.

Passados meses o Cristiano era outro, era um homem. Voltou ao Lar. Foi à tropa e saiu por via de uma úlcera. Preparou as suas economias para o grande passo e eu mesmo concordei que não havia razão para demorar o casamento. Vai para os 23 anos e



Cristiano e Maria da Luz!

constituiu um lar que nos dá consolação e grande confiança.

Só tive duas penas no dia do seu casamento: Que ele não tivesse esperado pelo Fernando Dias, seu irmão; que na sua festa não tivesse contado com os outros irmãos de sangue (eles são nove!) nem com uma mais larga participação dos seus irmãos gaiatos, nem com a Senhora Adorinda, que lá estava na Igreja, olhos brilhantes de alegria reflectida em lágrimas, ao confessar-me: «Hoje é um dia muito feliz, que eu muito desejei ver». É sim... Mas não participou tanto quanto podia e merecia. Tenho pena!

A «estação» dos grilos está a terminar, mas ainda não terminou, a julgar pela informação colhida hoje do da limpeza de uma casa, ao dar com uma molhada de alface a refrescar num lavatório. Mas este ano parece-me menos concorrida de exemplares do que é costume! Gaiolas, sim, houve competição de modelos e delas espalhadas por muita parte, inclusive na Capela!

Agora estamos na época dos arcos e das ganchetas. A nossa serralharia anda em crise e o stock de ferro não é por aí além... (Não que o ferro subiu e não foi pouco!). Mas os arcos são uma

PATRIMONIO DOS POBRES



A

vida do Património dos Pobres parecerá agonizante, mas o fogo mantém-se aceso. Mantém-se aceso tanto mais quanto a força vem de dentro. Não há força de fora a soprar. Quase não temos saído de casa e o livro de cheques tem estado arrumado a um canto da pasta, por não termos saldo para assinar deles.

Sabemos de párocos aflitos que andaram para a frente confiantes e agora esperam. Nem por isso desanimam. Acreditam na nossa amizade e esperam confiados na hora de Deus. O nosso critério é trabalhar com os olhos postos na misericórdia do Senhor. Temo-nos dado bem assim e é esta a palavra de esperança que damos sempre. Os homens poderão faltar às suas promessas, mas Deus não. A obra é d'Ele. Nós somos somente seus obreiros.

Por notícias chegadas nas últimas semanas, sabemos que há fogo por esse Portugal fora, a começar rentinho ao fundo: as vicentinas de Vila Real de Santo António andam atarefadas na



Moreira da Maia tem colaboradores. Tem vontade. Tem casas!

construção de um grupo de casas numa povoação vizinha; em Alcantarilha há vontade e plano para duas; a Junta de Freguesia de Aldeia Nova de S. Bento anda com a urbanização do bairro do Património; Moura vai fazer mais algumas para juntar às vinte e duas que já tem. Têm sido uns heróis o Pároco e habitantes da florida vila de Moura. Como são lindas as suas ruas com tantas flores às janelas.

Beringel ainda não parou e quer começar mais seis; Vila Viçosa esteve a tomar fôlego no inverno e agora vai arrancar de novo, mas queixa-se com falta de dinheiro. Onde estão

partadela deles e corridas e gincanas e todas as provas que se fazem com os demais veículos.

Ora, de onde vir tanta vergulha? Ficarão os arcos mai-las ganchetas, de uns anos para os outros? Haverá todos os anos assalto ao património da serralharia, mais aos arames de estender a roupa?

Eis o que eu gostava de saber e, oito anos depois, ainda não sei!

os senhores da terra que podem ajudar e não ajudam? Façam favor de levantar o dedo. Elvas promete continuar. O nosso Padre Acílio de Setúbal, que anda esmagado com a sua igreja nova de Águas de Moura, não desiste de fazer também duas casinhas Pobres para entregar no dia da benção da Igreja. Ele não é de torcer. Se diz que faz, faz mesmo.

Padre José Feliciano anda entusiasmado com futuras casas na Baixa da Banheira. Quanto aquela gente o ama e quanto ele se dá àquele povo! Só assim se poderão fazer estas obras. Na Costa do Sol continua o movimento de amor para fazer barreira ao movimento das paixões; Lourinhã promete fazer mais duas; Minde quer continuar e pode fazê-lo, pois há ali dinheiro e não falta gente na Igreja; os vicentinos de Leiria andam com vontade de caminhar prá frente; Vila de Rei já anda a acabar a casa para uma família de onze pessoas com o chefe doente. Famílias mártires, que são para-raios da nossa sociedade.

Marinhais tem uma casa pronta; Cernache do Bonjar-

dim promete começar há muito, mas até hoje nada sabemos; Medelim traz duas em acabamentos; Pombeiro da Beira anda a acabar uma; Penela, do mesmo modo; um grupo de «republicanos» da Lousã angariou dinheiro para a 5.^a da vila; a «Voz da Figueira» anda empenhada a fazer mais um bloco de quatro moradias no Bairro do Padre Américo.

Tudo isto são manifestações de fogo interior, visto que agora já não somos nós a acendê-lo e a atê-lo. É fogo de Amor de Deus nas almas, embora por vezes velado.

Padre Horácio

Chales de Ordins

Obrigado a todos os que nos lêem; muito obrigado a todos os que nos escutam e ajudam. É que todos vivem os nossos problemas. Quantos atenderam o nosso apelo a favor duma das nossas tecedeiras!... Quantos sentiram em seu coração a dor daquela mulher de que vos falei!...

Assim nos diz uma alma cristã: «...para que Deus, na Sua Bondade Infinita, me conserve sempre a querida casinha que eu, com tanto carinho, construí para minha boa mulher e os meus bons filhos, para o nosso santo lar».

Como pode o Senhor não atender esta prece? Como pode o Senhor esquecer aquele grupo de amigos, irmãos no mesmo emprego, que se cotizaram entre si... «mas nenhum de nós queria, que se citassem ou indicassem nomes?»

Como esquecer aquela que ro-

ga a Deus «para que no meu lar haja saúde e protecção de Deus?»

Por isso hoje nada vos digo e limito-me a transcrever algo do que vós, bons amigos, nos mandai.

«Uma Mãe, saudosa dos filhos que tem no Ultramar, vem minorar essa saudade, suavizando a cruz da pobre tecedeira que tem uma dívida... é dada com os olhos postos em Deus, para que Ele guarde os meus filhos».

De Matosinhos chegou-nos este desabafo: «...Como sentisse o peso da sua cruz abalar-me o coração já bastante cansado, lembrei-me de vir em seu auxílio... para mitigar um pouco a sua amargura com uma prece a Deus para que inspire outros a ajudá-la, aliviando-a desse martírio...»

Como estas, ainda outras mais, mas todas elas com um pedido de silêncio. Vieram de Viseu, Figueiró dos Vinhos, Lisboa, Porto, Bragança, Avintes, Matosinhos...

O que vos dizer, bons amigos, depois de tudo o que transcrevo? Apenas isto: obrigado a todos os que nos lêem, muito obrigado a todos os que nos escutam e ajudam.

A todos estes eu deixo uma certeza: a oração daqueles a quem ajudam e os cem por um que o Senhor prometeu já nesta vida aos que aliviarem o mais pequenino dos Seus irmãos.

x x x

Foi no passado mês de Junho que as tecedeiras arranjaram os seus jardins, como o fazem todos os anos. Tiveram como recompensa do seu trabalho uma pequena ajuda que os nossos amigos leitores lançaram no cofre das tecedeiras. As que melhor trataram o seu jardim receberam algumas peças de roupa que por vezes também nos enviam. É que atrás do brío dum jardim benflorado virá o gosto duma alma fresca com as flores da virtude

x x x

Aos que pedem os preços dos chales voltamos a lembrar: Maiores, 125\$00; médios, 95\$00; pequenos, 65\$00. Os tamanhos são respectivamente: em diagonal 1,98 m. os grandes; 1,86 m. os médios e 1,43 m. os pequenos

Para Lisboa seguiu uma carrete de que muito gostaram. Para o Instituto de Assistência Familiar enviamos 50 chales de médios.

Espero no próximo número dar-vos boas notícias deste cantinho de Ordins.

Padre Pire

romarias, visto que somos terra de romarias e de feiras e conservadores de tradições e relíquias. Todos gostamos de ouvir o dêm uma esmolinha para tirarmos do bolso uma moeda reluzente que tilinta nas pedras do caminho desperta a atenção do mundo.

Temos pois, em casa dois problemas, que são outros dois becos sem saída. Anda-se a demolição das estreitas por toda a parte. Quem dera que estes dois becos encontrassem também quem não alargasse!

Padre Baptist

VARANDA de Beire

É tarefa difícil resgatar o rapaz da rua: — mas muito mais, quando ele sofre de atraso mental. Sucedem-se os mestres. Passam os anos. Espigam os rapazes e o fruto é sempre pouco.

No ano que passou, completaram a instrução primária apenas três deles na nossa escola. Neste que corre, seis, e aguardamos ainda que mais dois. Nenhum, porém, com menos de catorze anos.

Se o objectivo do nosso trabalho fosse o número, seria melhor encerrar a loja que o negócio não dava; mas não. Lidamos com jovens que amanhã vão construir o seu lar. E, porque não têm culpa alguma do atraso de ordem mental, a sociedade para não ficar mais enferma, precisa de ajudar a sarar estes seus membros, não venham a brotar dos novos lares mais diminuídos mentais. É um problema de resgate e simultaneamente de prevenção que se impõe. Nós não lidamos com números, não. Tratamos com jovens, que embora atrasados, guardam no peito alma imortal. A rua nem sabe o que rejeita, pois confiamos valores eternos. Vê as calças rotas, a fralda de fora, o nariz ranhoso, a boca a despejar palavras e a rudeza enorme pelas letras. Nada mais! Parece-lhe que nada resta a fazer. Ele custa de facto muito; é mesmo trabalho insano o levar ao sítio o deficiente mental, que vagueia pelas calçadas. Mas podem obter-se ressurreições! Como porém os resultados são tão diminutos, o problema não estimula e descursa-se. Ora, sabemos que há milhares de crianças destas em idade escolar, que ou não frequentam as aulas ou estão no fundo das ditas à espera que termine a idade obrigatória para não mais serem coagidas ao suplício da presença muda e incómoda.

Criou-se no país curso destinado à especialização de mestres. Só quatro alunos o frequentam, no presente ano. No próximo, cada um terá à sua conta quinze alunos. Portanto apenas seis dezenas vão ser olhados por quem sabe do seu ofício. E os outros milhares? A idade não espera. Em breve os coloca fora do período obrigatório de aprendizagem a estes milhares que hoje não têm quem se debruce sobre eles e lhes preste atenção! O pequeno grupo deles, aqui em Beire, é uma reclamação permanente para a qual não encontramos grande solução, não digo do caso concreto dos nossos, digo sim, do caso geral dos deficientes mentais.

Não vai muito tempo, estive sentado uma manhã inteira ao lado dum mestre que atendia em consulta crianças destas. Muitas vinham de longe. Pois não se deu ali remédio a nenhuma delas. Venha cá daqui a tempos. Era a receita sagrada. Vai em 16 anos que aquele senhor permaneceu no seu posto, procedendo sempre de igual jeito. Eu ainda arremessei a medo: — tem coragem de continuar aqui sem ter outra resposta? — Mas os ombros já idosos encolheram-se.

Ainda no campo da deficiência humana temos aqui em casa o Zézito sem mãos nem pés direitos a levantar um problema paralelo — o da recuperação dos deficientes motores. Também neste caso estamos no limiar da solução. É já um grande passo andado o pensar-se no problema. Não digo que seja meio caminho feito, porque ele é tão longo que nem vemos onde finda. — Como vai o Zézito aprender a escrever se ele não tem mãos? E como hão-de aprender tantos e tantos Zézitos por aí fora?

Se tivéssemos sofrido as consequências da guerra, a invasão de mutilados impunha que se agisse sem perda de tempo. Como assim não sucedeu, os nossos mutilados continuam como ornamento de feiras, e espectáculo atraente para as

TOTOBOLA

O jornal passado, para não nos alongarmos o artigo sob esta epigrafe, não chegámos a publicar mais cartas plenas de vivacidade.

Um bracarense acha que, sendo uma parte dos lucros do Totobola destinada à Assistência, não repugnaria que uma fracção dessa parte contribuisse para a compra da habitação do Pobre. «Mas, no caso particular do tostão por cada matriz aplaudo sem reservas (...) Julgo que toda a Nação passaria de melhor grado a jogar nas apostas em referência (...) Por mim, eu e a minha gente, passámos à situação de jogadores inveterados.

Que seja, pois, em tal sentido lançado directamente ao coração dos Directores dos Jornais Diários e da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa geral e vibrantíssimo apelo.

É de esperar que ele seja ouvido».

Este nosso assinante e correspondente mostra ser homem decidido. Eu, apesar dos meses passados sem grande avanço, também continuo na minha que «é de esperar que ele seja ouvido».

Estoutro é de Guimarães e diz assim:

«Tenho acompanhado com muito interesse a campanha do tostão do Totobola ansioso que chegue a altura de se efectivar.

Custa-me a crer que a Direcção da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa pense que possam haver abstenções das apostas desportivas por motivo do mísero tostão. Esta suposição mergulha indubitavelmente nas trevas. Está do lado escuro.

Eu que não jogo no Totobola, justamente por ver tudo escuro, digo que se for avante o tostão em favor de Obra tão luminosa, passarei a jogar, e com redobrada satisfação por saber a quem vou beneficiar.

Ademais, tenho para mim, que o número de apostadores aumentaria, porque o tostão a favor de Obra tão justa é luz que brilha; e onde brilhar a luz está Deus a operar; e onde Deus opera tudo progride, tal e qual como na Obra da Rua, que se baseia e refulge toda, na máxima amplitude do Evangelho.

Fico na esperança de

ver dentro em pouco concretizada esta empresa, e, entretanto, subscrevo-me com todo o respeito e estima».

Esta carta é de reler, meus Senhores. Também ela é «luminosa» como a Obra sobre que se debruçou.

«Se fôr avante o tostão (...), passarei a pagar e com redobrada satisfação por saber a quem vou beneficiar».—Quem, de coração bem formado e recta consciência dos seus deveres sociais, quem não experimentará redobrada satisfação por saber a quem vai beneficiar — o Pobre; e em que espécie de bem — uma casa; e com quão pequena causa, a produzir efeito tão feliz e tão grande!

É que não se pode esquecer que as importâncias arrecadadas neste mealheiro nacional do Património dos Pobres, por muito grandes que fossem nada seriam para resolver só por si problema tão extenso e grave como é o da habitação do Pobre. Mas, naquele processo de Pai Américo — Eu ando com quem anda — aquela quantia será multiplicada mercê do esforço local das pessoas ou entidades interessadas na construção de casas para os Pobres. Ficamos à quem da realidade estimando em 4 este multiplicador, segundo a experiência do Património dos Pobres. Só assim, por esta mobilização geral de esforços, pequenos, em regra, da parte de cada um — só assim foi possível em 10 anos levantar por esse País em fora 2.200 casas, algumas dezenas de casas de Auto-Construção e centenas de casas erguidas pela iniciativa de pobres operários e trabalhadores de campo, que se lançaram à empresa com o estímulo de que «ao telhado», este seria por nossa conta. Tão simples e tão eficaz!

Mas, voltando à carta acima publicada, quero chamar a atenção de todos, mórmente a daqueles de quem depende o sim, para a grande verdade nela enunciada: «(...) o tostão a favor de Obra tão justa é luz que brilha; e onde brilhar a luz é Deus que está a operar; e onde Deus opera tudo progride».

«Onde Deus opera tudo progride» — e só onde Deus opera. Onde Ele está ausente tudo é aparência, que só Ele é o Ser que dá ser às coisas que realmente são.

Que não haja receio! Os dois tostões por matriz para a construção de casas em regime de Património dos Pobres e de Auto-Construção — será benção, será mais presença operante de Deus em favor do progresso do próprio Totobola.

Noutro dia, de passagem pelo Porto, entrei numa casa muito conhecida já. Havia ralhos entre homem e mulher. Três crianças olhavam indiferentes. Era véspera do dia 8. Este é o dia da renda da casa. «Todo o mês se tira à boca para se juntar prá renda». Assim me dizem em queixume. Eu olho os pais e olho as crianças, demoradamente. O homem olha pra mim e sai de casa cheio de vergonha. «Olhe, lá vai ele prá taberna, lá é que é a casa dele» — diz-me a mulher entre lágrimas escondidas. Ora, a casa, só é de nome. É um pequenito quarto, muito escondido, onde a promiscuidade reina. «Lá é que é a casa dele!»

Sei que este casal, como tantos e tantos, são emigrantes vindos das aldeias para as cidades, em busca duma situação mais adequada de viver. Grande parte dos pro-

EMIGRANTES

tagonistas da miséria, é gente que foge das suas terras, na mira de encontrar mais conforto. Eu vi isto mesmo quando andava por lá. Tu mesmo podes ver isso, à porta dos quarteis, á hora das refeições. Era assim, e continua a sê-lo por força do hábito e do nosso desleixo. Desleixo que mancha a sociedade e aniquila as almas e se faz pagar bem caro.

Esconder a lança, embora não pareça, é mais caro do que ir eliminando-a. Escondê-la, é, com o tempo, fazer dela um mar em que acabaremos por nos afogar.

Nós precisamos de fazer alguma coisa por via disto. A fuga

das aldeias prá cidade, constroi miséria.

Senhor! Será o luxo ou a vaidade que nos leva a abandonar a terra que nos alimenta, e onde melhor vemos a TUA PRESENÇA?

Não será, porque vêm mal remunerado o seu esforço no labor da terra?

Nós não estamos aqui para pôr ferros: vemos mais de perto, porque entramos onde se pode ver as nossas culpas.

A falta de pão em casa leva a mulher a chorar, e o homem a fugir prá taberna. E as crianças, não terão «escola» igual? Para já, choram quando não têm pão. Mas depois, quando a idade vier dizer-lhes a miséria em que nasceram?...

Barreiras aos emigrantes: dar-lhes com que se sustentem e cultivem no Amor da terra. Não há melhor argumento, outro que entre mais dentro das pessoas, do que a JUSTIÇA.

Ernesto Pinto

LAR DE LISBOA

O futebol, como todos sabem é o desporto rei na maior parte do globo, assim também ele é o rei dos desportos na «Obra da Rua».

Desde o Norte a Sul, da nossa Obra, há futebol, e isso levou-nos a fazer «talvez» espécie de um torneio, entre as Casas e Lares, o que acabou por facilitar um maior e melhor conhecimento, não de técnica futebolística, mas uma amizade mais vincada, entre os filhos de cada Casa.

Serve tudo isto para dizer que o Lar de Lisboa anda a ver se consegue fazer este dito intercâmbio de futebol entre nós, mas para isto tem que haver uma ajuda; boa disposição e uma colaboração de todos, não só dos rapazes, mas sim também dos respectivos Padres das Casas e Lares, pois destes, é que nós temos de esperar a última palavra, ou seja os meios de transporte.

Para a realização deste torneio que seria um verdadeiro Campeonato Nacional em miniatura, foi o Sr. Padre José Maria, o primeiro a dar-nos uma facilidade, pondo assim a furgoneta do Tojal à nossa disposição para um domingo, o Lar de Lisboa poder ir a Miranda, jogar com o Lar de Coimbra, um dia do mês de Setembro. Portanto já sabem nesse dia a combinar queremos ver tudo em Miranda, assim como também um dia de Dezembro em Paço de Sousa. Estas datas ainda não estão totalmente combinadas, quando houver qualquer coisa, eu comprometo-me a dar aos nossos leitores uma completa informação.

CONFERÊNCIA

Numa revista que recebi há dias da Suíça, das Oficinas Internacionais de Trabalho, li esta frase. «Tierras sin hombres Y hombres sin Tierras». No Lar de Lisboa também se observa uma coisa idêntica que é: «Pobres sem confrades e confrades sem Pobres». É este o lema da conferência do Lar de Lisboa.

É preciso lançar o apelo, e ele aqui fica, àqueles que podem e devem resolvê-lo. Quem é? — Não sei! Somos todos: os antigos e os novos confrades, o presidente da Conferência e o nosso assistente, Padre José Maria.

Meus amigos, espero que este apelo seja aceite por todos, assim como os Pobres esperam também o dia em que nós lhes levemos qualquer coisa a casa.

Por hoje nada mais tenho a dizer aos meus leitores e de todos me despeço esperando-os em Miranda e em Paço de Sousa, em datas a anunciar neste Famoso, que é o nosso e vosso Jornal «O Gaiato».

Agostinho Coelho (Lampreia)



FACETAS DE UMA VIDA

A carta do Padre José data de Cochim, 2 de Junho de 1902 — a cuja resposta se referia a do Pai, publicada no número anterior, afinal também a tínhamos, e dela aqui dou à estampa o que se refere ao Américo:

«De novo lhe fallo no Américo. Se o pae vê que é mais útil e honrosa para a nossa família dar-lhe uma carreira literária, mande-o para qualquer Collegio que eu pagarei.

Os estudos estão difíceis e caros, porem elle, com o estudo pode vencer a dificuldade, e nós venceremos, com esforço a careza. Não me parecia mal ter um médico ou advogado na família. Se lhe quer dar um curso regular de commercio, eu ajudo, e pode mandá-lo para o Collegio.

Enfim, o pae sabe o que mais nos convém. Um arrojo, embora frustrado, nunca ficou mal a ninguém. Em conversas que tive consigo, sobre elle, Américo, não cheguei a adivinhar, e ainda hoje duvido do animo com que me fallava. Parecia-me ou que o pae via muito, escolhendo a carreira commercial, ou que temia offender a bolsa dos irmãos para lhe dar mais alta collocação. Se fallava, movido por esta ultima suposição que faço, dispa tal temor, que elle ha-de chegar. Pergunte-lhe a sério o que quer seguir e deixe-o».

São da Mãe as duas cartas que a seguir publicamos, dando-nos a evolução do problema do futuro do Américo.

A primeira é de 12 de Novembro de 1902. O ano lectivo já começara, e o Pai não se convencerá a deixá-lo ir estudar; antes, persistira em lançá-lo na vida commercial. Ora escutemos o que diz a Mãe.

«Dia de todos os santos fui ao Porto visetar o Américo. Lá o encontrei munto magro e falta de cor. Os patrões munto agradável não dão queicha de nada. Que come munto bem e que todos são munto amigos dele. Mas quando vê passar os

rapazes para a aula que sente uma saudade de não estudar. Mas agora escessemos disso bamos a ver se elle melhora. Sabes o que foi mau quando mandaste o dinheiro ao Pai não lhe dares logo o destino para pagar o collegio ao Américo que teu Pai esta munto contente mas eu tenho munto desgosto de o ver num modo de vida que elle não gosta. (...) Escrevite dia 1 de agosto inda não tive resposta nem do Jaime. Estou por isto desconfiada. Deus queira que me engane. Pessote que logo esta recebas me respondas para meu descanso».

Largos meses após, escreve nova carta. Apesar de um ano escolar se ter passado e durante ele o Américo ter iniciado a carreira commercial, a Mãe não desistiu ainda de lutar. Ao menos, desabafa a sua queixa e deixa antever o que ela entende uma perda por o Américo não ir estudar.

«Hoje, 28 de Junho de 1903, Padre José estou admirada do teu silencio. Fas um anno in agosto que eu te escrevi uma carta inda não tive resposta. Não sei qual é a razão porque não escreves. Beijo numa carta do Pai em que dizes que o dinheiro das missas deve ser só para pagar o collegio. Em tão nesse caso para que foi o Américo bender ferros? Com o teu auxilio podião andar ambos e dar um modo de vida de letras ao Américo da maneira que elle é fino e aprende. Tenho tido um desgosto que tu não imaginas. Tinha-me dito que queria ser Padre. Já uvi uma so vez e disse-me que se não fosse o Jaime não asseitava aquela pozisão e como conheceu a bontade do Pai disse-lhe que sim, mas está constrangido. O Jaime a tempos mandou 4 sentos para a iducação dos irmãos mais novos. Pareseme que o rapas devia continuar nus estudos. Tu depois ades-te arrepender. Ficavas com um irmão Padre à tua ordem, mas enfim fazei como emtenderdes».

VISADO PELA
Comissão de Censura

